

## A RESPOSTA HISTÓRICA DE 1924: DISPUTAS RACIAIS E DEMOCRATIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO

THE 1924 HISTORICAL RESPONSE: RACIAL CONFLICTS AND THE DEMOCRATIZATION OF BRAZILIAN FOOTBALL.

LA RESPUESTA HISTÓRICA DE 1924: DISPUTAS RACIALES Y DEMOCRATIZACIÓN DEL FÚTBOL BRASILEÑO

Lucas Xavier Brito<sup>1</sup>  
Douglas Pereira Sousa<sup>2</sup>  
Douglas Alves Gomes<sup>3</sup>  
Patrícia Moreira de Oliveira<sup>4</sup>  
Rhayla Milenna Custodio de Jesus<sup>5</sup>  
Felipe Lobo de Souza<sup>6</sup>

**RESUMO:** O presente estudo analisa a contribuição da Resposta Histórica de 1924 para a compreensão das disputas raciais que marcaram a consolidação do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Parte-se do pressuposto de que a organização do futebol reproduziu mecanismos de exclusão presentes na sociedade brasileira, restringindo a participação de jogadores negros e das camadas populares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, fundamentada em autores que discutem relações raciais, história social do futebol e memória, tendo como principal fonte documental a Resposta Histórica encaminhada pelo Clube de Regatas Vasco da Gama à Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). Os resultados evidenciam que o documento ultrapassa sua dimensão administrativa, constituindo-se como importante registro das disputas sociais e raciais presentes no futebol brasileiro daquele período. Conclui-se que a Resposta Histórica permanece como referência para compreender os processos de exclusão, resistência e democratização do esporte, além de contribuir para a reflexão sobre a permanência do racismo nas práticas esportivas contemporâneas.

**Palavras-chave:** Racismo. Futebol brasileiro. Vasco da Gama. Resposta Histórica. Relações raciais.

---

<sup>1</sup>Doutor em Educação Física pela UnB, docente do curso de Educação Física na Universidade Federal do Tocantins Campus Miracema.

<sup>2</sup>Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins.

<sup>3</sup>Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins.

<sup>4</sup>Professora do curso de Educação Física Centro Universitário UNITOP.

<sup>5</sup>Discente do curso de Educação Física do Centro Universitário UNITOP.

<sup>6</sup>Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins.

**ABSTRACT:** This study analyzes the contribution of the 1924 Historical Response to understanding the racial disputes that shaped the consolidation of Brazilian football in the early twentieth century. It assumes that the organization of football reproduced exclusionary mechanisms embedded in Brazilian society, limiting the participation of Black players and members of the working classes. The research adopts a qualitative approach based on bibliographical and documentary methods, drawing on studies of race relations, the social history of football, and collective memory. The primary documentary source is the Historical Response issued by Clube de Regatas Vasco da Gama to the Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). The findings indicate that the document goes beyond its administrative character, representing an important historical record of the social and racial conflicts that permeated Brazilian football at that time. The study concludes that the Historical Response remains a key reference for understanding exclusion, resistance, and the democratization of sport, while contributing to contemporary debates on racism in football.

**Keywords:** Racism. Brazilian football. Vasco da Gama. Historical Response. Race relations.

**RESUMEN:** Este artículo analiza la Respuesta Histórica de 1924 como un documento fundamental para comprender las disputas raciales que marcaron la consolidación del fútbol brasileño durante las primeras décadas del siglo XX. Se parte del supuesto de que la organización del fútbol reprodujo mecanismos de exclusión presentes en la sociedad brasileña, restringiendo la participación de jugadores negros y de los sectores populares. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter bibliográfico y documental, fundamentada en estudios sobre relaciones raciales, historia social del fútbol y memoria, cuya principal fuente documental es la Respuesta Histórica presentada por el Club de Regatas Vasco da Gama ante la Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). Los resultados muestran que la Respuesta Histórica trasciende su función administrativa, constituyéndose como una expresión de las disputas sociales y raciales presentes en la organización del fútbol brasileño y como un hito en el proceso de democratización de este deporte. Se concluye que el documento sigue siendo una referencia para comprender los procesos de exclusión, resistencia y democratización del fútbol brasileño, aportando elementos relevantes para interpretar los desafíos contemporáneos relacionados con el racismo en el deporte.

2

**Palabras clave:** Racismo. Fútbol brasileño. Vasco da Gama. Respuesta Histórica. Relaciones raciales.

## INTRODUÇÃO

O futebol ocupa um lugar singular na sociedade brasileira, extrapolando a condição de prática esportiva para constituir-se como fenômeno histórico, cultural e político. Ao longo de sua trajetória, tornou-se um dos principais elementos de construção da identidade nacional, mobilizando pertencimentos, disputas simbólicas e representações sobre a própria sociedade brasileira (HELAL, 2001). Entretanto, essa centralidade social não impediu que o futebol reproduzisse as desigualdades existentes na formação histórica do país, especialmente aquelas relacionadas às relações raciais.

Embora frequentemente associado à ideia de meritocracia e igualdade de oportunidades, o futebol brasileiro consolidou-se, em suas primeiras décadas, como um espaço predominantemente elitizado. Conforme demonstra Mário Filho (2010), a modalidade foi inicialmente apropriada pelos grupos economicamente privilegiados, que restringiam a participação de jogadores negros, trabalhadores e indivíduos oriundos das camadas populares. Nesse contexto, o acesso aos clubes e às competições oficiais não dependia exclusivamente do desempenho esportivo, mas também da posição social e da raça dos atletas.

Esse processo não pode ser compreendido como um episódio isolado da história do esporte. Ao contrário, reflete uma dinâmica mais ampla da sociedade brasileira. Para Munanga (2003), o racismo constitui uma construção histórica fundamentada na hierarquização dos grupos humanos, enquanto Almeida (2019) argumenta que sua permanência decorre do fato de estar inscrito nas estruturas políticas, econômicas e institucionais que organizam a vida social. Na mesma direção, Guimarães (2004) ressalta que o racismo brasileiro manifesta-se, muitas vezes, por mecanismos indiretos e naturalizados, produzindo desigualdades que extrapolam as relações interpessoais e alcançam diferentes instituições sociais, entre elas o esporte.

Foi nesse cenário de exclusão racial que o Clube de Regatas Vasco da Gama assumiu uma posição que se diferenciava da lógica predominante no futebol brasileiro das primeiras décadas do século XX. Ao conquistar o Campeonato Carioca de 1923 com uma equipe formada por jogadores negros, operários e atletas oriundos das camadas populares, o clube confrontou os padrões sociais estabelecidos pelas elites esportivas da época. A reação dos clubes tradicionais culminou na elaboração da denominada Resposta Histórica, documento encaminhado à Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) em 1924, no qual o Vasco recusou-se a excluir parte de seus atletas para permanecer na competição (MÁRIO FILHO, 2010).

A Resposta Histórica tornou-se um dos episódios mais conhecidos da memória do clube e passou a ocupar lugar de destaque nas narrativas sobre o combate ao racismo no futebol brasileiro. Entretanto, para além de seu valor simbólico, esse documento permite compreender como as disputas em torno da participação de jogadores negros expressavam conflitos mais amplos relacionados à democratização do esporte e às tensões presentes na sociedade brasileira. Como observa Fernandes (1978), a exclusão da população negra após a abolição da escravidão assumiu formas institucionais e sociais que limitaram seu acesso aos diferentes espaços de participação, entre eles o esporte.

Embora a Resposta Histórica de 1924 seja amplamente reconhecida como um dos marcos da trajetória do Vasco da Gama e frequentemente mencionada em estudos sobre a história do futebol brasileiro, investigações recentes têm demonstrado que esse documento também desempenha papel central na construção da memória e da identidade institucional do clube (COUTINHO; MARCOLAN, 2025). Entretanto, permanece pertinente aprofundar sua análise como fonte histórica para compreender as disputas raciais que marcaram a consolidação do futebol brasileiro.

Diante desse contexto, este artigo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: de que maneira a Resposta Histórica de 1924 evidencia o protagonismo do Clube de Regatas Vasco da Gama no enfrentamento das práticas de exclusão racial e na democratização do futebol brasileiro?

Assim, o objetivo deste estudo é analisar a contribuição histórica do Clube de Regatas Vasco da Gama para o enfrentamento do racismo no futebol brasileiro, tomando a Resposta Histórica de 1924 como expressão das disputas raciais presentes na organização do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século XX.

A trajetória do Clube de Regatas Vasco da Gama evidencia que o futebol brasileiro constituiu-se como um espaço de disputas que extrapolavam o âmbito esportivo, expressando conflitos relacionados à raça, à classe social e ao acesso a direitos. Examinar esse processo permite compreender que a democratização do futebol não foi resultado de uma evolução natural da modalidade, mas de enfrentamentos históricos protagonizados por diferentes sujeitos e instituições. É nesse contexto que a análise da Resposta Histórica de 1924 se revela particularmente relevante, por constituir um documento capaz de iluminar as tensões que marcaram a consolidação do futebol brasileiro e os sentidos atribuídos à luta contra a discriminação racial.

## METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e documental. A opção pela abordagem qualitativa decorre da natureza do objeto investigado, uma vez que se busca compreender os significados históricos e sociais atribuídos às relações raciais no futebol brasileiro, bem como interpretar o papel desempenhado pelo Clube de Regatas Vasco da Gama no enfrentamento das práticas de exclusão racial. Conforme destaca Minayo (2014), a pesquisa qualitativa permite analisar

fenômenos sociais em sua complexidade, privilegiando a interpretação dos processos históricos, culturais e simbólicos que lhes conferem sentido.

A pesquisa bibliográfica fundamentou-se em obras clássicas e contemporâneas que discutem o racismo na sociedade brasileira, as relações raciais, a história social do futebol e a trajetória do Vasco da Gama. Entre os principais referenciais utilizados destacam-se Munanga (2003), Guimarães (2004; 2005), Fernandes (1978), Almeida (2019), Ribeiro (2019), Helal (2001), Leite Lopes (1994) e Mário Filho (2010), cujas contribuições possibilitam compreender o futebol como fenômeno social atravessado por disputas de classe, raça e poder.

Paralelamente, realizou-se pesquisa documental, tomando como principal fonte a denominada Resposta Histórica, documento encaminhado pelo Clube de Regatas Vasco da Gama à Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), em 1924. Conforme assinala Cellard (2008), os documentos constituem fontes privilegiadas para a investigação histórica, pois registram posicionamentos, disputas e formas de organização social produzidas em determinados contextos históricos. Nesse sentido, a Resposta Histórica foi compreendida não apenas como um registro administrativo, mas como um documento capaz de revelar as tensões raciais presentes na organização do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século XX.

A seleção das obras bibliográficas considerou a relevância acadêmica dos autores para os estudos sobre relações raciais e história do futebol, bem como sua aproximação com o problema investigado. No caso da documentação, privilegiou-se a Resposta Histórica por constituir um marco amplamente reconhecido na literatura especializada acerca da trajetória do Vasco da Gama e das disputas em torno da participação de jogadores negros no futebol brasileiro.

A análise do material foi realizada de forma interpretativa, buscando estabelecer relações entre as contribuições da literatura e as evidências presentes na documentação examinada. Mais do que descrever acontecimentos históricos, procurou-se compreender os significados atribuídos à atuação do Vasco da Gama no contexto das disputas raciais que marcaram a consolidação do futebol brasileiro, evidenciando como esse episódio ultrapassou os limites do esporte e passou a integrar a memória das lutas pela ampliação da participação da população negra nesse espaço social.

### 3 Racismo e futebol brasileiro: a construção histórica de um espaço de exclusão

Ao longo do século XX, o futebol consolidou-se como uma das principais manifestações culturais da sociedade brasileira, tornando-se um dos símbolos mais expressivos da identidade nacional. Essa condição, entretanto, costuma ocultar um aspecto importante de sua própria história: antes de transformar-se em um esporte popular, o futebol foi organizado como uma prática restrita aos grupos socialmente privilegiados. Nas primeiras décadas de sua difusão no Brasil, a participação de jogadores negros, trabalhadores e indivíduos oriundos das camadas populares encontrava diferentes obstáculos, evidenciando que o campo esportivo também reproduzia as hierarquias raciais presentes na sociedade brasileira (MÁRIO FILHO, 2010; HELAL, 2001).

Essa configuração não pode ser compreendida como uma característica exclusiva do esporte. Conforme argumenta Florestan Fernandes (1978), a sociedade brasileira estruturou sua ordem social após a abolição da escravidão sem promover mecanismos efetivos de integração da população negra, preservando desigualdades que passaram a manifestar-se em diferentes instituições sociais. O futebol, enquanto prática cultural produzida nesse contexto histórico, incorporou parte dessas formas de exclusão, estabelecendo critérios de pertencimento que extrapolavam o desempenho esportivo e alcançavam aspectos relacionados à origem social, à profissão e à raça dos atletas.

6

Nessa perspectiva, compreender o racismo presente no futebol exige ultrapassar interpretações que o reduzem a episódios isolados de preconceito ou a comportamentos individuais. Como observa Almeida (2019), o racismo constitui um elemento estrutural das relações sociais, produzindo mecanismos permanentes de distribuição desigual de direitos, oportunidades e reconhecimento. Essa interpretação permite compreender por que a exclusão de jogadores negros, observada nas primeiras décadas do futebol brasileiro, não representava uma sucessão de acontecimentos ocasionais, mas expressava a lógica de funcionamento de uma sociedade profundamente marcada pela desigualdade racial.

Munanga (2003) acrescenta que a ideia de raça foi historicamente mobilizada para legitimar relações de dominação e inferiorização de determinados grupos sociais. No Brasil, essas concepções adquiriram características próprias, frequentemente sustentadas pelo mito da democracia racial, que contribuiu para invisibilizar práticas discriminatórias e dificultar o reconhecimento do racismo como um problema estrutural. Guimarães (2004) observa que, justamente por assumir formas muitas vezes indiretas e naturalizadas, o racismo brasileiro

passou a operar por meio de mecanismos institucionais que limitavam o acesso da população negra a diferentes espaços sociais, entre eles o esporte.

Em diálogo com essa perspectiva, estudos recentes têm demonstrado que a ideologia da democracia racial também produziu efeitos importantes sobre a forma como o futebol brasileiro passou a interpretar suas relações raciais, muitas vezes ocultando práticas discriminatórias sob discursos de integração e miscigenação (MAZZUCATTO; CAMARGO, 2025)

#### **4 O Vasco da Gama e a ruptura com o elitismo no futebol brasileiro**

A conquista do Campeonato Carioca de 1923 pelo Clube de Regatas Vasco da Gama representa um dos episódios mais significativos da história do futebol brasileiro. Mais do que a vitória de uma equipe considerada tecnicamente inferior diante dos clubes tradicionais da época, aquele resultado evidenciou as tensões sociais e raciais que atravessavam a organização do futebol nacional. Em um contexto marcado pelo predomínio das elites esportivas, o sucesso de um clube que reunia jogadores negros, operários e atletas oriundos das camadas populares colocou em xeque os critérios que, até então, regulavam o acesso aos espaços de maior prestígio do futebol brasileiro (MÁRIO FILHO, 2010).

Embora o Vasco tenha sido fundado em 1898 como um clube voltado à prática do remo, sua inserção no futebol ocorreu em circunstâncias bastante distintas daquelas vivenciadas por outras agremiações tradicionais do Rio de Janeiro. Conforme destacam Leite Lopes (1994) e Mário Filho (2010), enquanto muitos clubes preservavam uma composição social fortemente vinculada às elites urbanas, o Vasco passou a incorporar atletas provenientes de diferentes segmentos sociais, incluindo trabalhadores, imigrantes e jogadores negros, ampliando o acesso ao futebol organizado em um período no qual esse espaço permanecia fortemente marcado por mecanismos de distinção social.

Essa característica não deve ser interpretada como simples consequência da origem popular de parte de seus associados. Ela expressava uma forma distinta de compreender o próprio esporte. Ao admitir atletas que eram frequentemente excluídos por outros clubes, o Vasco rompeu, ainda que parcialmente, com critérios de seleção baseados na posição social e na cor da pele, contribuindo para ampliar a participação de grupos historicamente marginalizados no futebol brasileiro. Como observa Helal (2001), o futebol sempre constituiu um espaço de disputa simbólica, no qual diferentes projetos de sociedade entram em confronto. Sob essa

perspectiva, a experiência vascaína representou não apenas uma inovação esportiva, mas também uma contestação das formas tradicionais de organização da modalidade.

Foi nesse contexto que a campanha realizada no Campeonato Carioca de 1923 adquiriu um significado que ultrapassou os limites da competição esportiva. Formada por jogadores negros, trabalhadores e atletas das camadas populares, a equipe vascaína conquistou o título estadual contrariando expectativas construídas em torno da superioridade técnica e social dos clubes tradicionais. Conforme assinala Mário Filho (2010), aquela conquista demonstrou que o desempenho esportivo não dependia da origem social dos atletas, mas de sua capacidade técnica e da organização coletiva da equipe, abalando uma estrutura que durante anos havia restringido o acesso ao futebol de alto nível.

Mais do que um resultado esportivo, a vitória do Vasco evidenciou as contradições existentes entre o discurso de mérito frequentemente associado ao futebol e os mecanismos de exclusão que caracterizavam sua organização institucional. Se, por um lado, o êxito obtido em campo revelava a capacidade competitiva de uma equipe formada por atletas até então marginalizados, por outro expunha a resistência das elites esportivas em aceitar transformações que ameaçavam sua posição de privilégio. É justamente essa tensão que ajuda a compreender os acontecimentos ocorridos no ano seguinte, quando a permanência do Vasco nas competições passou a ser condicionada à exclusão de parte de seus jogadores.

8

A reação das elites esportivas à conquista vascaína não demorou a se manifestar. Em 1924, durante o processo de reorganização do futebol carioca, a recém-criada Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) estabeleceu uma série de exigências para a participação dos clubes na competição. Embora apresentadas como critérios administrativos e morais, essas medidas atingiam diretamente o Vasco da Gama, especialmente em razão da composição social de seu elenco. Conforme demonstra Mário Filho (2010), diversos jogadores vascaínos passaram a ser questionados não por seu desempenho esportivo, mas por exercerem profissões consideradas incompatíveis com o ideal de amadorismo defendido pelas elites dirigentes do futebol brasileiro.

A adoção desses critérios revela que a disputa extrapolava o campo esportivo. O que estava em questão não era apenas a regulamentação das competições, mas a preservação de um modelo de futebol que mantinha restrito o acesso de determinados grupos sociais aos espaços de maior prestígio. Como observa Guimarães (2004), o racismo brasileiro frequentemente opera por mecanismos indiretos, utilizando critérios aparentemente neutros para produzir formas

persistentes de exclusão. No caso do futebol carioca, a defesa do amadorismo e das exigências morais funcionava, em grande medida, como instrumento para limitar a permanência de jogadores negros e trabalhadores nas principais competições.

Essa interpretação aproxima-se da reflexão desenvolvida por Almeida (2019), para quem o racismo estrutural não depende da existência de normas explicitamente discriminatórias. Ao contrário, ele manifesta-se justamente quando práticas institucionais aparentemente universais produzem efeitos desiguais sobre determinados grupos sociais. Sob essa perspectiva, as exigências impostas ao Vasco não podem ser compreendidas apenas como divergências administrativas entre clubes, mas como expressão de relações de poder que buscavam preservar privilégios historicamente construídos.

Diante desse cenário, a diretoria do Vasco recusou-se a aceitar a exclusão de seus atletas e encaminhou à AMEA o documento que ficaria conhecido como Resposta Histórica. Mais do que uma manifestação administrativa, o texto representa um posicionamento público em defesa da permanência de jogadores cuja única "inadequação" consistia em não corresponder ao perfil social esperado pelas elites esportivas daquele período. Ao optar por retirar-se da competição em vez de afastar seus atletas, o clube transformou um conflito esportivo em um acontecimento de forte repercussão política e social.

A relevância da Resposta Histórica, entretanto, não reside apenas no fato de representar uma reação institucional às exigências impostas pela AMEA. Seu significado histórico decorre, sobretudo, da forma como o documento explicita um conflito que, até então, permanecia parcialmente encoberto pelos discursos de neutralidade e amadorismo que orientavam a organização do futebol brasileiro. Ao defender a permanência de seus atletas, o Vasco não apenas contestava uma decisão administrativa, mas colocava em evidência os critérios sociais e raciais que estruturavam o acesso às competições oficiais.

Sob esse aspecto, a Resposta Histórica permite compreender que a discriminação no futebol brasileiro não se manifestava, necessariamente, por normas que proibiam explicitamente a participação de jogadores negros. Conforme observa Guimarães (2004), uma das características do racismo brasileiro consiste justamente em operar por mecanismos indiretos, muitas vezes legitimados por argumentos aparentemente técnicos ou universais. No caso da AMEA, a defesa do amadorismo e da "idoneidade" dos atletas produzia efeitos seletivos que recaíam, sobretudo, sobre jogadores oriundos das classes populares e sobre a população negra, preservando uma configuração social desejada pelas elites esportivas.

Essa interpretação aproxima-se da reflexão proposta por Almeida (2019), ao afirmar que o racismo estrutural não depende da existência de atos individuais de discriminação para produzir desigualdades. Ele se materializa quando instituições, normas e práticas sociais passam a reproduzir privilégios históricos e a restringir oportunidades para determinados grupos. Assim, ainda que o documento da AMEA não utilizasse critérios raciais de forma explícita, seus efeitos atingiam justamente aqueles sujeitos que, historicamente, haviam sido excluídos dos espaços de maior prestígio da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, a decisão adotada pelo Vasco adquire um significado que extrapola os limites da administração esportiva. Ao recusar a exclusão de seus atletas, o clube rompeu com uma lógica institucional que buscava restabelecer barreiras sociais abaladas pela conquista do campeonato de 1923. Não se tratava apenas da defesa de jogadores específicos, mas da recusa em aceitar que critérios externos ao desempenho esportivo determinassem quem poderia ou não ocupar aquele espaço. É precisamente essa dimensão que transformou a Resposta Histórica em um dos documentos mais emblemáticos da história do futebol brasileiro.

Mais de um século após sua elaboração, a Resposta Histórica continua sendo mobilizada em debates sobre racismo, inclusão e democratização do esporte. Essa permanência demonstra que determinados documentos históricos ultrapassam o contexto imediato de sua produção e passam a integrar a memória coletiva de uma instituição e, em certa medida, da própria história social do futebol brasileiro. Como assinala Le Goff (1990), a memória não corresponde à simples conservação do passado, mas constitui uma construção permanente realizada no presente. Assim, recordar a Resposta Histórica significa também atribuir novos sentidos a esse episódio à luz dos desafios contemporâneos relacionados ao enfrentamento da discriminação racial.

É justamente por essa razão que o documento permanece atual. A permanência dessas disputas também é evidenciada por pesquisas recentes. Estudo publicado na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* demonstra que a desigualdade racial permanece estruturando o futebol brasileiro, ainda que por mecanismos distintos daqueles observados nas primeiras décadas do século XX. Ao analisar o período de 2008 a 2024, os autores identificam a reduzida presença de treinadores negros no comando de clubes da Série A, indicando que as barreiras raciais continuam presentes também nos espaços de gestão e liderança do esporte. Esses resultados reforçam que o enfrentamento ao racismo permanece como um desafio contemporâneo, conferindo novos significados à Resposta Histórica e às discussões sobre igualdade racial no futebol brasileiro.

Além das desigualdades institucionais, o racismo continua manifestando-se por meio de práticas discriminatórias dirigidas aos próprios atletas durante as competições. Costa (2026), ao analisar cânticos racistas em partidas realizadas no Rio de Janeiro, demonstra que tais manifestações permanecem integradas às dinâmicas de determinadas torcidas, evidenciando que a discriminação racial continua sendo um problema estrutural do futebol e não apenas um conjunto de episódios isolados.

A permanência da Resposta Histórica no debate público evidencia que determinados acontecimentos ultrapassam o contexto em que foram produzidos e passam a constituir referências para a compreensão de problemas que permanecem atuais. O documento elaborado pelo Vasco em 1924 deixou de representar apenas uma manifestação circunstancial diante das exigências impostas pela AMEA e passou a simbolizar uma das primeiras contestações públicas às formas de exclusão que marcavam a organização do futebol brasileiro. Sua importância, portanto, não reside exclusivamente no conteúdo do texto, mas nos significados históricos que lhe foram atribuídos ao longo do tempo.

Essa permanência também revela que a democratização do futebol brasileiro não pode ser compreendida como resultado de um processo linear ou espontâneo. Ao contrário, ela foi marcada por disputas, resistências e conflitos que envolveram diferentes atores sociais. Como observa Fernandes (1978), as transformações sociais raramente ocorrem de forma consensual, sendo resultado de tensões permanentes entre grupos que disputam a ampliação ou a preservação de direitos e privilégios. Sob essa perspectiva, a trajetória do Vasco constitui uma expressão dessas disputas, ao evidenciar os limites impostos à participação de jogadores negros e trabalhadores e, simultaneamente, as possibilidades de enfrentamento dessas barreiras.

Essa leitura também permite compreender que a história do futebol não pode ser reduzida aos resultados obtidos dentro de campo. Enquanto fenômeno social, o esporte expressa relações de poder, conflitos e disputas por reconhecimento que extrapolam a dimensão competitiva. Como argumenta Helal (2001), o futebol constitui um espaço privilegiado para observar processos mais amplos da sociedade brasileira, razão pela qual sua história deve ser interpretada em diálogo com os contextos sociais, políticos e culturais que lhe conferem significado.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que a memória construída em torno da Resposta Histórica também constitui um objeto de reflexão. Conforme destaca Le Goff (1990), toda memória é uma elaboração realizada a partir das necessidades e das interpretações

produzidas no presente. Isso significa que recordar a atuação do Vasco não implica apenas recuperar um acontecimento do passado, mas compreender como esse episódio continua sendo mobilizado para sustentar narrativas sobre inclusão, identidade e combate ao racismo no futebol brasileiro. Nessa perspectiva, a força simbólica da Resposta Histórica decorre tanto do conflito vivido em 1924 quanto da forma como esse episódio permanece sendo reinterpretado e atualizado por diferentes grupos sociais.

Essa compreensão encontra respaldo em estudos recentes. Ao investigar as comemorações do centenário da Resposta Histórica, Coutinho e Marcolan (2025) demonstram que o documento ultrapassou sua função original para tornar-se um dos principais elementos da identidade institucional do Vasco da Gama, sendo continuamente mobilizado como símbolo da resistência ao elitismo e da luta contra a discriminação no futebol brasileiro.

É justamente essa permanência que explica a atualidade do documento. Os episódios recentes de discriminação racial envolvendo atletas como Vinícius Júnior demonstram que, embora as formas de manifestação do racismo tenham se transformado, a questão permanece presente no futebol contemporâneo. Se, nas primeiras décadas do século XX, a exclusão incidia principalmente sobre o acesso de jogadores negros aos clubes e às competições, atualmente ela se manifesta por meio de ataques racistas, discursos discriminatórios e outras práticas que procuram deslegitimar a presença e o protagonismo desses atletas. A continuidade desses episódios reforça que o enfrentamento ao racismo permanece como um desafio histórico, conferindo novos sentidos à Resposta Histórica e reafirmando sua relevância para compreender as relações entre esporte, sociedade e desigualdade racial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a contribuição histórica do Clube de Regatas Vasco da Gama para o enfrentamento das práticas de exclusão racial no futebol brasileiro, tomando a Resposta Histórica de 1924 como principal referência documental para compreender esse processo. A análise desenvolvida ao longo do trabalho permitiu evidenciar que o racismo, longe de constituir um conjunto de episódios isolados, integrou a própria configuração do futebol brasileiro em suas primeiras décadas, acompanhando as desigualdades sociais e raciais que caracterizavam a sociedade daquele período.

Ao reconstruir o contexto de consolidação do futebol nacional, observou-se que os mecanismos de exclusão dirigidos a jogadores negros e trabalhadores eram frequentemente

legitimados por discursos que aparentavam neutralidade, mas que, na prática, preservavam privilégios historicamente estabelecidos. Nesse cenário, a conquista do Campeonato Carioca de 1923 pelo Vasco da Gama produziu uma ruptura significativa ao demonstrar que os critérios esportivos não coincidiam com os critérios sociais utilizados pelas elites dirigentes para definir quem poderia ocupar os espaços de maior prestígio da modalidade.

Foi justamente diante dessa ruptura que emergiu a Resposta Histórica de 1924. Mais do que um documento administrativo, ela expressou um posicionamento institucional contrário às tentativas de restringir a participação de parte de seus atletas. Sua importância histórica reside menos na formalidade do texto e mais na capacidade de revelar as tensões sociais que atravessavam o futebol brasileiro naquele momento. Interpretada como fonte documental, a Resposta Histórica permite compreender que a democratização do esporte não resultou de um processo espontâneo, mas de conflitos, disputas e resistências que desafiaram formas consolidadas de exclusão.

Ao mesmo tempo, a permanência desse documento na memória do futebol brasileiro demonstra que determinados acontecimentos ultrapassam seu contexto de origem e passam a adquirir novos significados ao longo do tempo. A recorrente mobilização da Resposta Histórica nos debates contemporâneos sobre racismo evidencia que sua relevância não se limita ao episódio vivido pelo Vasco da Gama, mas se relaciona à capacidade desse documento de iluminar questões que permanecem presentes nas relações entre esporte e sociedade.

13

Por fim, considera-se que a principal contribuição deste estudo consiste em analisar a Resposta Histórica não apenas como um marco da trajetória do Vasco da Gama, mas como uma fonte privilegiada para compreender as disputas raciais que marcaram a consolidação do futebol brasileiro. Ao deslocar o foco da narrativa comemorativa para a interpretação histórica do documento, busca-se ampliar a compreensão sobre os processos de exclusão e resistência presentes no esporte, reafirmando a importância da pesquisa histórica e documental para a análise das relações entre futebol, memória e desigualdade racial.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

COSTA, Bernardo Antonio Azevedo Ferreira. *When racism is sung out loud: the case study of racist football chants in Rio de Janeiro*. Soccer & Society, 2026.

COUTINHO, Renato Soares; MARCOLAN, Letícia. Contra tudo e contra todos! A “Resposta Histórica” e a memória da resistência na construção da identidade clubística do Club de Regatas Vasco da Gama. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 18, n. 41, 2025.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2007.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978. 2 v.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito de cor e racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2004.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

LEITE LOPES, José Sérgio. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 64-83, 1994.

MÁRIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003. p. 121-144.